



Chrys Chrystello\*

# Rosário Girão aprecia CrónicaAçores vol. 2, 2011

**Apresentação crítica de CrónicaAçores: uma circum-navegação. Vol. I. Um verbo a conjugar: circum-navegar por Rosário Girão e Manuel J. Silva**

*Abquesudore et labore nullum opus perfectum est*

Se há livros que devem ser lidos e cuja releitura prodigaliza novos rumos hermenêuticos, defluindo de um redutivo “prazer do texto” que incessantemente se descobre, outros há que merecem ser estudados com denodo, como é o caso desta obra de J. Chrys Chrystello, cujo nome e sobrenome têm vindo a ser adulterados, “desde Chrysler a Christofle, Castelo, Crastelo, Perestrelo ou Costello consoante os países.” (2009: 192). Exemplo emblemático de multiculturalismo (de que CC é “confesso defensor”), claramente introduzido e firmado, em termos óbvios, pelo conceito de “circum-navegação”, CrónicaAçores é, verdade seja dita, uma obra plural e total, protagonizada por JC, alteróvimo, quiçá, de CC - sua mulher, HC, “comentara, um dia, que o grande problema existencial de JC era saber qual dos dois venceria o duelo, ele ou o seu alter ego.” (2009: 179) -, sempiterno viajante, por terras reais e reinos imaginários, e “castelão” atrelado ao seu teclado informático, para o qual vai ditando os seus pèriplos à medida que, pela revivescência, se vai contando...

A estrutura circular da obra em exegese é, a este respeito, dilucidativa: abalando dos Açores, onde se encontra radicado, JC rumo até ao Oriente, não sem convidar para tal romagem o seu fiel leitor, ambos findando a epopeia marítima - “De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores” - no Arquipélago de origem.

Do Ocidente para o Oriente e do Oriente mítico para o Ocidente gerador de mitos, é-nos dado deparar com um JC jornalista e “lastbut not least” e escritor. A trajetória em pauta é forçosamente escandida pela alternância de tempos verbais - o presente, o perfeito e o imperfeito -, reenviando para um antes e para um depois, delineando um ontem e um hoje, ora recuando ora avançando, socorrendo-se de analepses esclarecedoras e de abmejadas prolepses (no que respeita ao leitor...) e configurando um vaivém temporal dinamicamente responsável pelo retrato sociopolítico de Portugal ao longo de, grosso modo, sessenta anos - “Voltemos de novo à matança do porco” (2009: 108); “Bom, voltando aos Açores, [...]” (2009: 111); “Voltando à Rádio Renascença e ao automobilismo” (2009: 244); “Voltando atrás no tempo [...]” (2009: 250); “[...] como veremos adiante [...]” (2009: 172). Fazendo jus ao rigor prescrito por todo e qualquer trabalho académico (mas que, nos dias de hoje, nem todo e qualquer trabalho académico detém...), valendo-se de uma ampla bibliografia caracterizadora da tese universitária e do ensaio científico, consultando uma documentação genuína, não raro de difícil acesso, destinada a evitar o papagueamento de falsas verdades geracionalmente repetidas e cristalizadas em dogmas indefetíveis, JC observa “por entre as espirais do fumo dos cigarros” (2009: 103), dissecar, analisa, comenta e arquiva não só o universo circundante, mas também o seu ego, que tem a generosidade de desmudar:

“A vida passada só fazia sentido para o ego que fora, mas já não era.” (2009: 20).

“Por ser quem fora se tornara naquilo que hoje era.” (2009: 45).

Paulatinamente vai esboçando o seu autorretrato de homem ateu e não agnóstico (conquanto nostálgico da fé dos tempos idos), obcecado pelo “politicamente (in)correto”, im-

buido de desencanto - proveniente da quebra de ilusões e de rejeições sucessivas - perante a vida, propugnador de uma igualdade sem discriminações, inimigo de fundamentalismos ditatoriais e cumpridor escrupuloso de todas as leis. Justiceiro tenaz e inconformista ferrenho, “hedonista perfeito em perfeito levante exótico” (2009: 380), fumador, carnívoro (2009: 132) e exterminador de formigas (2009: 202), JC, poeta sonhador (2009: 237), anda “ao contrário de todo o mundo, como os caranguejos, mas em vez de andar para trás andava sempre para a frente, adiantado em relação aos restantes.” (2009: 125). Afinal, “JC é quem continua errado e não o mundo.” (2009: 209).

... Há que destacar os capítulos consagrados à História de Timor, diacronicamente narrada e vastamente comprovada, que já havia sido, em certa medida, objeto parcial do ensaio publicado pelo Autor em 1999 e intitulado Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975. Retrocedendo, na sua crítica arguta, aos métodos de Celestino da Silva, que tirava estrategicamente partido das rivalidades entre as diversas tribos, com vista à sua ulterior dominação, e que sabiamente recorria ao serviço doméstico de espionagem facultado pelas mulheres e amantes indígenas, revisitando a obra meritória de Filomeno da Câmara, na peugada do seu antecessor, e analisando o ensaio de Teófilo Duarte, suscetível de proporcionar um sólido conhecimento dos mais marcantes eventos novecentistas, vê-se o leitor confrontado - “Nem as elites nem os jovens alguma vez leram estes episódios que bem retratam a grande nação de tribos timorenses.” (2009: 410) - com a descrição da Ilha em forma de crocodilo - contada pelo poeta Fernando Sylvan (2009: 292) -, com a autodeterminação espolitada pela Revolução dos Cravos, com a criação dos principais partidos políticos de Timor, com a sempiterna oscilação entre a Indonésia, a Austrália e Portugal no papel de países colonizadores e neocolonizadores, com a independência encarada como horizonte longínquo a atingir, com as fragilizadas condições de vida dos Timorenses, advindas do racionamento dos géneros essenciais, com as dificuldades de comunicação fomentadoras do isolamento, da ignorância e da despolitização, com a inexistência de sistemas rodoviários, marítimos e aéreos, com o deficiente aproveitamento de plantações insulares (sobretudo a do café, verdadeira fonte de riqueza) e com a questão da lusofonia ou, por outras palavras, da preservação da língua e da cultura portuguesas.

Bem interessantes, a todos os níveis, se revelam quer os comentários políticos, breves e incisivos, com que JC brinda certas notícias publicadas no Portugal Diário e na Fonte Lusa de 21 de junho de 2006, ou no Blogue Causa Nossa e no jornal Público de 25 de junho do mesmo ano, quer o balanço final da controversa situação política timorense, retoricamente martelado pela quádrupla recorrência do sintagma verbal “Foi pena...”: “Foi pena que os líderes [...] pensassem serem apenas umas pequenas ondas [...] Foi pena que [...] não se tivessem dedicado a emprestar pás e enxadas para ocupar os guerrilheiros desocupados [...] Foi pena que [...] não tivessem ‘nomas’ (amantes) para lhes contar o que se passava nos quatro cantos de Timor. Foi pena que tenham sido apanhados desprevenidos por esta insurreição tão bem orquestrada pela Austrália, [...]” (2009: 471).

\*Continua

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713



Filipe Fernandes\*

## Haja saúde (também no trabalho)!



O passado primeiro dia do mês de Maio trouxe-nos a comemoração do Dia do Trabalhador, mais uma oportunidade de honrarmos a importância do trabalho, do direito a trabalhar e danecessidade de o fazermos em condições adequadas, que permitam que a nossa actividadelaboral seja um vector do nosso crescimento, realização e felicidade.

A ODP tem desenvolvido um trabalho constante na defesa das melhores condições detrabalho, com especial ênfase na relevância dos riscos psicossociais, que se constituem comoum factor potenciador do absentismo, do presentismo e do surgimento de dificuldades do foro psicológico e físico nos trabalhadores e empregadores.

Se pensarmos que 50% a 60% dos dias perdidos de trabalho têm uma relação com os níveisde stress, facilmente se percebe a importância da avaliação e da intervenção nos riscopsicossociais. Complementarmente, a investigação demonstra amplamente os efeitosadversos dos problemas de saúde psicológica e do stress ocupacional para as organizaçõescomo, por exemplo, perdas na motivação, no compromisso, na satisfa-

ção de clientes, naimagem e reputação, nos conflitos interpessoais ou na rotatividade dos trabalhadores.

Manter uma força de trabalho saudável, produtiva e dedicada ao trabalho é, simultaneamente, uma necessidade e um dos desafios mais difíceis que osemplegadores enfrentam nos dias de hoje. No entanto, sabemos que os Locais deTrabalho emocionalmente seguros e saudáveis são um elemento chave para a produtividade, a Saúde e o Bem-Estar de todos - organizações, empregadores etrabalhadores. E compensa! Os benefícios gerados por programas que promovem a saúdepsicológica sugerem um retorno de cinco euros por cada euro gasto. Um investimento, não um gasto!

Fique bem, pela sua saúde e a de todos os Açorianos!

Um conselho da Delegação Regional dos Açores da Ordem dos Psicólogos Portugueses.

\*Vogal da Direcção da Delegação Regional dos Açores